

# Dívida do Governo com mercado atinge 16% do PIB

Economistas alertam para necessidade de acelerar ritmo de reformas, evitando crescimento desenfreado da dívida pública

Rachel Bertol

• O Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso tem pelo menos um ponto em comum com o de José Sarney: uma dívida crescendo em ritmo alucinado. Mas desta vez a erva daninha está brotando em ambiente completamente diverso. Em 1989, último ano do Governo Sarney, a inflação atingia quase 2.000%, e para 1996 as previsões são de índices de até 20%. Mas no ano passado, a dívida do Governo nas mãos do mercado financeiro correspondeu a 16,62% do PIB e, em 1989, equivalia a 14,98% — são os números mais altos dos últimos dez anos.

Os economistas ressaltam que o Real, para deixar de ser plano, ainda tem de vencer etapas, mas

por enquanto muitos estão no papel de bombeiros das expectativas negativas. É consenso entre eles que ainda há tempo para resolver os problemas, mas não muito. Se as reformas básicas do Estado não ocorrerem, em algum momento as contas públicas voltarão a se incendiar, como em 1989, quando se instaurou uma enorme desconfiança em relação à capacidade de a União honrar seus compromissos.

— Tanto no fim do Governo Sarney, quanto agora, na falta da reforma fiscal e patrimonial, o peso sobre a política monetária foi enorme. O problema é que naquela época se desconhecia o diagnóstico para resolver os problemas, agora o Governo sabe o que fazer. É preciso acelerar as refor-

mas, de fato a dívida está crescendo de forma alucinante — diz o economista Paulo Guedes, do Banco Pactual.

— No fundo, todos nós, analistas internos e investidores estrangeiros, trabalhamos com a expectativa de que as reformas vão andar numa velocidade tal que não haverá tempo para que se crie desconfiança em relação à capacidade de pagamento da União — diz o economista do Banco Graphus José Júlio Senna.

O problema, de acordo com Senna, é que se o Real não avançar no sentido de uma estabilização perene, o Governo pode chegar ao extremo de não conseguir mais rolar sua dívida (no fim dos anos 80 ele corria esse risco). Num caso desses, o Governo res-

gata a dívida e inunda a economia de dinheiro — é a remotização, o início da espiral inflacionária. Senna reconhece que esse extremo ainda está longe, mas reitera que a dívida pública é o calcanhar-de-aquiles do Real.

— A dívida mobiliária (nas mãos do mercado financeiro) está alta, crescendo mais ou menos no mesmo ritmo de meados de 1989, mas hoje o Governo tem mais credibilidade e mais capacidade para se endividar — ressaltava Sérgio Werlang, do Banco da Bahia.

De acordo com Werlang, a dívida líquida foi de 28,4% do PIB em 1994, e de 31,7% no ano passado. E se ela continuar no mesmo ritmo nos próximos três anos, não haverá problemas para o Real. ■

## A DÍVIDA EM NÚMEROS

### No PIB\*

| Ano  | Percentual |
|------|------------|
| 1986 | 9,43       |
| 1987 | 10,36      |
| 1988 | 12,98      |
| 1989 | 14,98      |
| 1990 | 4,87       |
| 1991 | 2,93       |
| 1992 | 9,43       |
| 1993 | 7,51       |
| 1994 | 11,49      |
| 1995 | 16,62      |
| 1996 | 15,00      |

\*em dólar

### Em mercado

| Ano   | US\$ bilhões |
|-------|--------------|
| 1986  | 24,00        |
| 1987  | 31,70        |
| 1988  | 41,20        |
| 1989  | 62,20        |
| 1990  | 12,50        |
| 1991  | 11,60        |
| 1992  | 36,40        |
| 1993  | 42,06        |
| 1994  | 73,14        |
| 1995  | 111,70       |
| 1996* | 118,90       |

\*até fevereiro

FONTE: Andima